

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Crack chega a bairros nobres

A droga, mais barata que a cocaína, tem efeito rápido de destruição e vem multiplicando suas vítimas entre os jovens

FABIANA TOSTES

Crack, a droga que antes era encontrada somente na periferia, está invadindo os bairros nobres e multiplicando suas vítimas entre a classe média capixaba. Fora dos morros, a pedra – como é conhecido o entorpecente, que vicia e destrói de forma rápida – é facilmente encontrada em condomínios de luxo e em bares requintados.

“Um amigo me ofereceu crack e, depois que eu experimentei, não deixei mais de usar. Conheço delegados, universitários, empresários, gente de muita grana que também é envolvida com o crack”, disse um estudante de 19 anos, filho de uma professora e de um escrivão da Polícia Civil.

A presença da classe média no consumo e tráfico de crack já é notada nas clínicas e por especialistas. “Virou uma epidemia. Muitos pais me procuram pedindo ajuda, a maior parte da classe média, que não sabe como o filho foi se envolver com crack”, disse o agente da Polícia Federal Expedito Jorge Tavares de Souza, que atua no departamento de prevenção da PF.

No Centro Integrado de Tratamento (CIT), especializado na recuperação de dependentes químicos, dos 17 pacientes internados, 15 pertencem às classes média e alta.

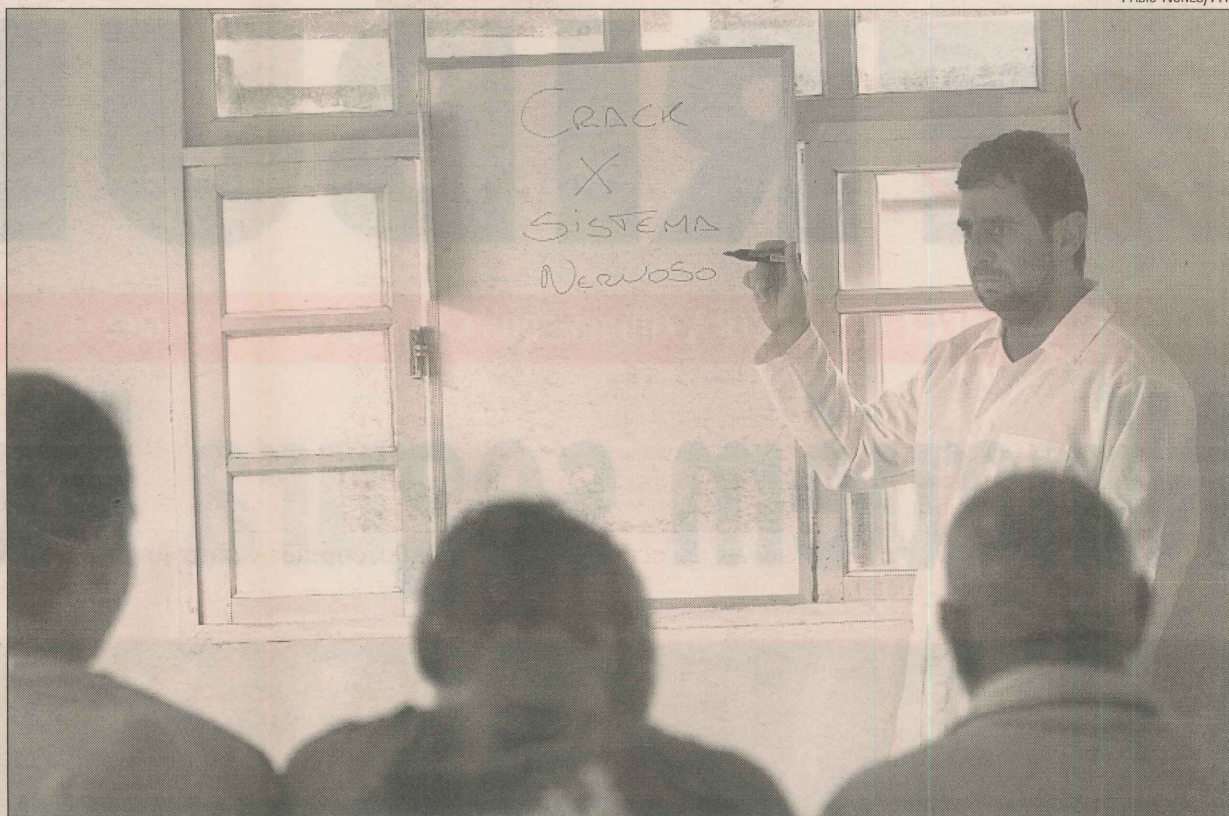
“Engana-se quem pensa que o crack é uma droga de pobre. A pedra é mais barata do que um papelote de cocaína, mas o efeito dura pouco e a pessoa acaba consumindo 20 a 30 pedras de crack por noite. Gasta-se muito mais do que no vício da cocaína”, disse um estudante de 19 anos, que gastava R\$ 3 mil por mês com pedras de crack, antes de decidir fazer um tratamento.

## FALÊNCIA

Um dependente químico de 29 anos conseguiu levar o pai à falência, depois de trocar o comércio da família por pedras de crack. “Meu pai tinha um depósito de gás e, enquanto ele esteve internado, se recuperando de um acidente, eu troquei 40 botijas de gás por pedra. Quando ele chegou, teve que fechar o depósito”.

De acordo com a PM, houve uma expansão do crack nos bairros nobres da Grande Vitória. “O que mais apreendemos na Praia da Costa e em Itapoã (Vila Velha) é crack. Parece até que não existe outra droga”, disse o sargento Ademar Roberto de Almeida, coordenador da Polícia Interativa de Itapoã e Divino Espírito Santo.

Em Vitória não é diferente. “Temos apreendido mais crack durante as operações nos bairros”, disse o aspirante Elder Camargo, da 5ª Companhia (Praia do Canto) do 1º Batalhão.



FABIO NUNES/AT

Grupo de dependentes químicos acompanha palestra no Centro Integrado de Tratamento

## Usuário perde todo o patrimônio

Em sua 21ª internação, o técnico mecânico industrial Dâm – como gosta de ser chamado – tenta, como tantos outros, recomendar sua vida após o crack. Ele perdeu todo seu patrimônio, deixado pela família de classe média alta, para sustentar o vício.

“No ano passado, ao completar 35 anos, fiz uma matemática rápida e vi que passei mais tempo preso e internado do que solto”, disse. Há 25 dias “limpo”, ou seja, Dâm quer reconstruir sua vida e sonha em publicar um livro com as mais de 300 poesias escritas durante seus momentos de lucidez.

A Tribuna – Como você se vi-

ciou em crack?

Dâm – Conheci o crack em 1993, mas já estava nas drogas desde os 11 anos, quando comecei com a maconha. Aos 15, experimentei cocaína. Com 16, fui internado. Me envolvi com uma mulher, com quem tive uma filha de 12 anos. Quando ela nasceu, eu a levei à casa de seu avô, em São Paulo, e lá usei crack.

– E o que aconteceu?

– Arranjei a maior confusão. Briguei sozinho, destruí um bar. Procurei tratamento, estive nas melhores clínicas e nada adiantou. Dei um tempo, conheci outra mulher e comecei um relacionamento que durou 10 anos.

Fui para uma igreja evangélica e cheguei a abrir centros de recuperação. Em 2001, voltei ao crack.

– E o seu emprego?

– Trabalhei em grandes empresas e em todas eu fui expulso. Estou encostado pelo INSS. Dei um tempo, tentei me internar, mas em 2002, tive uma recaída. Em quatro dias, fiz uma dívida que hoje deve estar em R\$ 30 mil.

– E a sua família?

– Cheguei a pegar a TV com a minha mãe assistindo. Minha mulher era médica, mas o casamento foi abaixo. Por cinco vezes tentei suicídio e entrava no tiroteio e enfrentava traficantes.

## O DRAMA DOS VICIADOS

### OVERDOSES

“Quando comecei a usar crack, com 15 anos, nem existia em Vitória. Eu comprava o pó e fazia as pedras. Já tive duas overdoses. Já roubei, trafiquei, fui preso duas vezes e fui parar até no manicômio.

Agredia minha família e quebrei a perna do meu pai com um chute. Uma vez minha mãe viajou para Salvador e trancou o quarto dela. Quando ela chegou, eu tinha arrastado a porta e fumado tudo. Troquei um DVD por sete pedras e até o suporte de colocar toalhas eu troquei.

Para eu não roubar, minha mãe me dava dinheiro. Na minha casa só sobraram um colchão e o cachorro. Minha mãe deu o animal, com medo que eu trocasse ele também. Fumava das 6 horas até as 2 horas do dia seguinte. Foi quando resolvi parar. Quando dá vontade de usar, lembro das coisas terríveis que fiz e a vontade passa”.

Dependente químico de 29 anos, filho de um comerciante da Serra.

### NOITADAS

“Destruí minha vida inteira em três meses. Eu e o meu marido nos afundamos no crack. Fomos numa festa e decidimos experimentar. Depois que experimentamos, já era. Eu tinha 19 anos. Larguei minha faculdade e vendi tudo, até meu enxoval. Só sobraram o guarda-roupas e a cama.

Estouramos o cartão de crédito. Meu marido foi mandado embora do trabalho, ele fumava a noite toda e não tinha disposição para trabalhar. Eu fumava mais de 20 pedras por noite. Ficava ‘noiada’.

Quanto mais você fuma, mais dá vontade. Teve uma noite que eu e o meu marido fumamos R\$ 650,00. Eu emagreci, perdi todas as minhas amizades. Minha mãe ficou desesperada. Foi aí que eu decidi me internar e já estou há 35 dias sem usar nada. Quero recomeçar minha vida”.

Estudante de 20 anos do curso de Fisioterapia.

### PRESA

“O choque da separação dos meus pais me levou para o álcool aos 11 anos. Aos 12, cheirei cocaína pela primeira vez. Tive um irmão que morreu de overdose, mas, mesmo assim, em 2002 experimentei o crack. Em cinco meses fui ao fundo do poço. Comecei a vender tudo. E fugi de Vitória com a roupa do corpo depois de ter roubado um cara.

Fui presa depois de ser pega levando uma arma para um amigo em troca de droga. Saí em dezembro, mas continuei a usar. Não conseguia mais dormir e em fevereiro, perdi o controle. Até o dinheiro do leite do meu filho era para a pedra.

Minha família tinha dinheiro, mas eu pegava tudo e fumava. Magoei muitas pessoas, as que eu mais amava, por causa da droga. Mas, tenho fé em Deus que eu vou conseguir sair dessa”.

Dependente química de 23 anos, filha de um estivador de Vitória.

### PLANTA

“Entre no crack aos 17 anos e já cheguei a falsificar um cheque do meu pai de R\$ 500,00 para trocar por pedras. Eu perdi todo o respeito por meus pais e eles sofreram muito porque eu passei um ano no crack antes de aceitar o tratamento. Eu fumava toda hora e cheguei ao ponto de discutir e brigar até com planta. Perdi minha namorada, parei de me alimentar e de estudar.

Essa droga é terrível, é você piscar o olho e ela acaba com você, nunca vi nada assim. Trocava minha roupa, meu tênis, tudo pela pedra. Já cheguei em casa de cuca.

Hoje, já consigo ver um sorriso no rosto dos meus pais, eles são o que eu mais amo no mundo. Meu pai disse que gastaria até o último centavo para me ver livre das drogas. Quero sair daqui, terminar meus estudos e ser promotor”.

Depoimento de um estudante de 19 anos, filho de uma professora aposentada e de um escrivão da Polícia Civil, no interior do Estado.

### LOUCO

“Comecei fumando R\$ 100,00 por dia de crack e sempre inventava histórias para conseguir dinheiro. Os traficantes sabiam que os meus pais tinham uma boa situação financeira e me deixavam pagar depois. Só que teve uma hora que tive que contar a verdade para a família.

A situação lá em casa começou a ficar difícil, já não conversava com mais ninguém. Era aniversário da minha avó e só eu não participava. Estava ficando louco, ouvia pedadas e diálogos que não existiam. Cheguei a emagrecer 25 quilos e de tão magro, me apelidaram de ‘Capinha’. A ponta dos meus dedos ficou amarela, andava todo sujo, nem ligava para a aparência.

Cheguei a gastar R\$ 3 mil por mês e meu pai pagava para não me ver roubar. Em oito meses de crack, consegui desgracar tudo. Hoje em dia meus pais vivem para minha recuperação”.

Depoimento de um estudante de 19 anos, filho de uma professora e de um aposentado.

FABIO NUNES/AT

## Estado é o quarto em consumo

Em 2004, cerca de cinco toneladas de droga foram apreendidas no Estado, apenas pela Polícia Federal. A quantidade rendeu ao Espírito Santo a quarta colocação entre os estados de maior consumo de droga do País.

De acordo com o titular da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Federal, o consumo de droga no Espírito Santo é muito elevado. "Tenho contato com colegas de outros estados e, no Espírito Santo, há o maior consumo. O uso de crack, principalmente, tem aumentado", disse o delegado, que pediu para não ser identificado.

O crack surgiu como uma epidemia e hoje atinge a todas as classes sociais. Segundo especialistas, a pedra chegou ao Espírito Santo em 1992 e a tendência é a de que seja a droga mais consumida e vendida no Estado.

"A tendência é o crack tomar conta. Primeiro porque é barato e, segundo, porque causa compulsão logo na primeira pedra", disse o agente da PF Expedito Jorge Tavares de Souza, que atua no departamento de prevenção.

Apenas nos quatro meses deste ano, 4,12 quilos de crack foram apreendidos na Grande Vitória pelas polícias Militar e Civil. Essa quantidade equivale, em média, a quase 9 mil pedras que deixaram de ser comercializadas na região metropolitana.

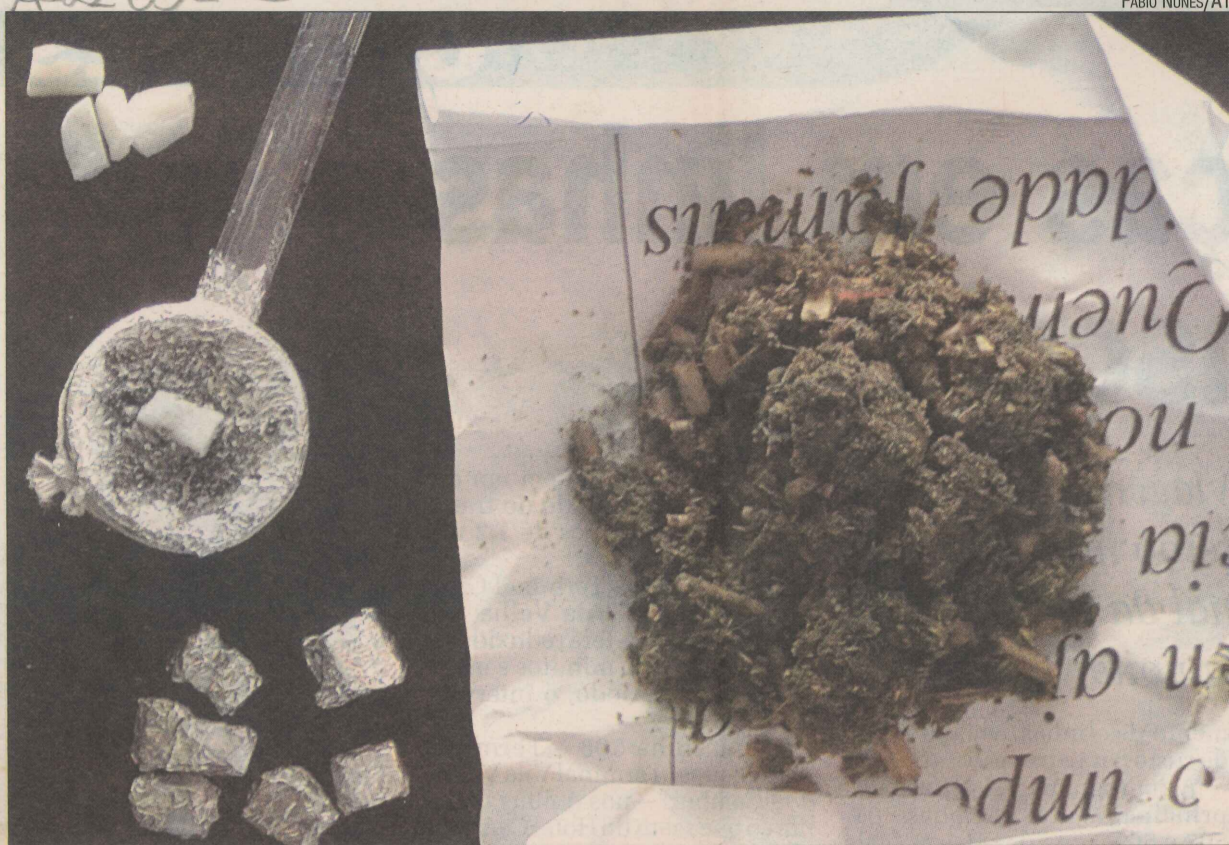
Na região da Praia do Canto, radiopatrulhas descaracterizadas vigiam a entrada de morros. "Ficamos de olho nos carros importados que sobem os morros. Muitos vão para as bocas-de-fumo e fazemos um trabalho intenso para dificultar essa influência", disse o aspirante Elder Camargo, da 5ª Companhia (Praia do Canto) do 1º Batalhão (Vitória).

O delegado José Darcy Arruda, titular da Delegacia Especializada em Tóxicos e Entorpecentes (Deten), disse que a polícia está tomando medidas preventivas e repressivas para combater o tráfico de crack.

DIVULGAÇÃO - 22/04/2005



Drogas apreendidas na Federal



Pedras de crack e maconha são vendidas para jovens em condomínios da Grande Vitória

# Tráfico leva medo para condomínios

*Os traficantes invadiram também os condomínios. Enfrentam os síndicos e vigilantes para vender drogas a moradores*

Longe dos olhares e dos patrulhamentos policiais, em bairros nobres da Grande Vitória, o tráfico de drogas ocorre dentro de condomínios de luxo. Infiltrados entre os moradores, traficantes levam drogas para dentro dos edifícios e ameaçam síndicos e vigilantes.

"Recebemos a denúncia de um síndico de um condomínio no bairro Itapoã, Vila Velha, que foi ameaçado. Ele descobriu uma bucha de maconha dentro do edifício e chamou a PM. Na semana seguinte foi ameaçado pelo grupo que trafica dentro do condomínio", disse o sargento Adelmar Roberto de Almeida, coordenador da Polícia Interativa de Itapoã.

O sargento está trabalhando em cinco denúncias, entre elas a de tráfico dentro de um condomínio na Praia da Costa, também em Vila Velha. Os próprios moradores fizeram um ofício e pediram patrulhamento dentro dos edifícios.

"Estamos fazendo um trabalho velado dentro dos prédios. Já sabemos que é um grupo de amigos, moradores do condomínio, que traficam e fornecem para os usuários da região", disse o sargento, que não pôde divulgar o nome dos condôminos por ainda estarem sob investigação.

Segundo ele, os bairros Praia da Costa e Itapoã são abastecidos por pontos de droga situados no bairro Divino Espírito Santo. "Raramente os usuários vão buscar a droga na boca, eles telefonam e uma mula - funcionário do tráfico - vai levar

na porta do prédio", disse o sargento.

### DISQUE-DROGA

Em Vitória, a atuação dos traficantes não é diferente. "Quando eu queria pó ou pedra, ligava e ele vinha trazer na minha porta. Era o trabalho do disque-pó e disque-pedra", disse um ex-dependente químico, mora-

dor da Praia do Canto. Ele contou que toda a transação era feita por um celular e o traficante tinha funcionários para levar a droga até o apartamento dele.

"Eu pedia pelo celular e, em pouco tempo, eles vinham trazer na minha porta. Era melhor do que ir até a boca e se arriscar", disse um ex-usuário.

Ele acrescentou que, em Vila Velha, um dos maiores traficantes - que abastece 11 bairros - mora numa mansão cercada de circuito interno de TV.

"Ele tem seis celulares e não atende a ninguém em casa. Mora num duplex e tem segurança para tudo quanto é lado. Sabe quem entra e quem sai e ninguém o pega", disse.

Amauri/Editoria de Arte

## O CAMINHO DA DROGA

A pasta base de cocaína, matéria-prima do crack, sai da Bolívia e do Peru e entra no Brasil por Rondônia e Mato Grosso. Desses estados, parte para o Espírito Santo. A pasta é transformada nas pedras de crack em bairros periféricos da Grande Vitória e alcança a classe média capixaba.



Tipo de droga	Via	Tempo para a ação	Duração do efeito
Crack	Oral (fumado)	8 a 10 segundos	5 minutos
Cocaína	Endovenosa (injetada)	30 a 45 segundos	10 a 20 minutos
Cocaína	Nasal (cheirada)	2 a 3 minutos	30 a 45 minutos

### Efeitos do crack

- Excitação
- Hiperatividade
- Insônia
- Falta de apetite
- Perda das noções de higiene
- Comportamento violento
- Irritabilidade
- Tremores
- Paranóia e alucinações
- Sensações de medo e pânico
- Perda do interesse sexual
- Visão distorcida
- Convulsões
- Dores intensas no peito
- Contrações musculares
- Taquicardia

Fonte: Polícias Federal e Militar e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid).

## Escolas na guerra contra traficantes

Escolas particulares entraram na guerra contra o uso e o tráfico de drogas. Para proteger seus alunos, muitas estão investindo em palestras e projetos dentro das salas de aula.

A preocupação das escolas está nas estatísticas de profissionais da saúde que perceberam o aumento de adolescentes e jovens da classe média dependentes químicos.

"Tenho 17 pacientes internados e 15 são de classe média e alta. O pior é que eles já começam em drogas pesadas, como o crack", disse o terapeuta Márcio Miledi, que atende no Centro Integrado de Tratamento (CIT), na Serra.

"Nossa preocupação é a de prevenir os nossos alunos quanto ao uso de drogas. Por isso, todo ano, a grade curricular já conta com um projeto", disse a orientadora educacional Rosely Machado, da escola Luís de Camões.

Todo ano, a escola oferece aos alunos uma semana de palestras e diversas atividades realizadas pela organização não-governamental (ONG) A Vida Vale Mais. Os alunos aprovaram o projeto.

"A palestra foi muito boa para mim. Ela é construtiva e esclarece muita coisa sobre as drogas. Agora, nós até podemos ajudar um amigo", disse uma das alunas do 3º ano do ensino médio, Priscila Bahia, 18 anos.

"Apesar do assunto ser muito difundido, ainda é grande o número de jovens envolvidos com drogas. Se todas as escolas oferecessem palestras assim, sobre o assunto, acho que boa parte do problema seria resolvido", disse a estudante Juliana Batista, 18.

### PROJETO

Coordenado por um ex-dependente químico, o projeto "A Vida Vale Mais" tem conscientizado, desde 1997, adolescentes e jovens sobre o perigo das drogas.

Cerca de 180 mil pessoas em 26 municípios capixabas e outras da Bahia e de Minas Gerais já participaram das palestras, que contam também com a atuação do agente da Polícia Federal Expedito Jorge Tavares de Souza.

"Apresentamos um referencial de valores e conto a minha experiência, o que dá mais credibilidade com os adolescentes", disse Robson Gonçalves, coordenador da ONG.

**MAIS POLÍCIA NAS PÁGINAS 8 E 9**